

---

*Do invisível engarrafado: história,  
memória, cultura material e as  
Águas de Melgaço na Manaus da borracha*

*The bottled invisible: history, memory, material  
culture and the Águas de Melgaço in the rubber time Manaus*

*Tatiana de Lima Pedrosa Santos\**  
*Samuel Lucena de Medeiros\*\**

---

**Resumo:** Este artigo procura apresentar o potencial que um artefato possui como potencial de conhecimento à arqueologia e à história. Fala-se de memória como constituinte do estudo da cultura material e seus aspectos, bem como a importância de se considerar o âmbito simbólico nos mesmos. Ao se analisar o contexto histórico-social de uma Manaus que esteve submersa num *boom* de borracha, busca-se fundamentação nas metodologias oferecidas pela arqueologia histórica, assim como na utilização da interdisciplinaridade. Mostra-se que as garrafas da marca “Águas de Melgaço”, antes esquecidas, proporcionam vislumbre na sociedade manauara do final do século XIX e início do século XX, assim como costumes e modos de

**Abstract:** This article seeks to present the potential that an artifact possesses as a potential knowledge for archeology and history. We speak of memory as a constituent of the study of material culture and its aspects, as well as the importance of considering the symbolic scope in them. When analyzing the historical-social context of a Manaus that was submerged in a rubber boom, we seek to base the methodologies offered by historical archaeology, as well as in the use of interdisciplinarity. It is shown that the bottles of the “Águas de Melgaço” brand, previously forgotten, provide a glimpse of a *manauara* society from the late nineteenth and early twentieth centuries, as well as customs and ways of life; as a means of social segregation object

---

\* Professora Doutora na Universidade do Estado do Amazonas. Arqueóloga responsável pelo Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza, da Secretaria de Cultura do Estado – AM. *E-mail:* tatixpedrosa@yahoo.com.br

\*\* Pesquisador e arqueólogo. Integrante do grupo de pesquisa NIPAAM/CNPq. Responsável pelo desenvolvimento dos projetos: “Cultura e consumo na Manaus antiga”, “Os vidros de remédio na Manaus antiga” e “As Águas de Melgaço”. *E-mail:* samuca\_slm@hotmail.com

vida, como meio de segregação social, objeto de consumo, ou um meio de alcançar a saúde desejada. O invisível engarrafado é mostrado quando se busca estudar os elementos que participaram da formação da sociedade manauara, nesse caso, uma marca de água importada.

of consumption, or means of achieving a desired health. The bottled invisible is shown when one seeks to study the elements that participated in the formation of the *manauara* society, in this case, an imported water brand.

**Palavras-chave:** Cultura Material. Memória. “Águas de Melgaço”.

**Keywords:** Material Culture. Memory. “Águas de Melgaço”.

---

## Introdução

Este texto tem como premissa principal apresentar os trabalhos parciais desenvolvidos pelos autores em questão, através do grupo de pesquisa NIPAAM no projeto Chamada Universal do CNPq – “Arqueologia, Patrimônio e Cultura: a cura para as feridas recentes e antigas na *Belle Époque* Amazônica”, cujo objetivo maior é fazer o levantamento histórico-arqueológico dos vidros provenientes das coleções do Laboratório Alfredo Mendonça de Souza – AM.<sup>1</sup>

Durante a pesquisa, as “Águas de Melgaço” ganharam destaque por ser exemplares raros e pela perspectiva informativo-simbólica que os artefatos em questão trazem à baila. Sendo garrafas de marca portuguesa, consideradas especialmente medicinais, ainda estão em pouquíssimos exemplares, dentre o material arqueológico levantado na cidade de Manaus. Comercializadas inicialmente, nas últimas décadas do século XIX, permaneceram cobertas pelo solo até o início dos anos 2000 quando foram resgatadas.

No laboratório acima citado, que guarda grande parte do material histórico-arqueológico da cidade, além dos exemplares encontrados nos trabalhos de escavação, encontra-se um exemplar fruto de doação, mais bem-conservado e parte do material expositivo na área de extroversão do laboratório.

Durante o andamento da pesquisa, que envolve o levantamento histórico-arqueológico do material vítreo e seus possíveis desdobramentos, surgiram algumas perguntas: Qual é o potencial representativo de se estudar o invisível trazido e engarrafado em Portugal, no início do século XX? Que tipo de enfoque poderia se mensurar ao trazer o sentido social de se beber águas do Melgaço na Manaus da *Belle Époque*? Como se

trabalha historicamente temas como: consumo, poder curativo, poder simbólico, *status* e modernização através da Cultura Material?

### **Vivendo de ilusão: o simbólico e a memória através do estudo da Cultura Material**

No final do século XIX, Manaus era uma capital em processo de transformação. Essa que a fazia conhecida como a “Paris dos Trópicos” (MESQUITA, 2006), atraindo para si olhares, e milhares de pessoas objetivando crescimento econômico. Nesse período de “esplendor” para a capital amazonense, a crescente população que nela se instalava era constituída de uma mescla de imigrantes e curiosos, que esperavam construir um novo estilo de vida no ambiente *modernizado* que surgia. Ainda assim, apenas uma pequena parcela da população ostentava a riqueza adquirida através da prática exploratória do látex.

Os anos entre 1880 e 1910, que ficou conhecido [sic] como a *belle époque* na história da região amazônica, possui a característica do atrativo do comércio da borracha para o enriquecimento. Esse período é a expressão da euforia que marca a sociedade burguesa amazonense e paraense, que ostentam suas conquistas materiais baseadas nas redes comerciais estabelecidas a partir da economia da borracha. (DAOU, 2000, p. 7).

Para tornar a antes pequena cidade no centro comercial e cultural do período auge da *Belle Époque*, além de ter de se enquadrar nos padrões de arquitetura e urbanismo imperantes na Europa (ecletico e neoclássico), Manaus sofreu com as modificações em massa, que faziam seu aspecto ser perdido ao longo dos anos. Inúmeras formas de violência foram praticadas nesse ínterim frenético para o enquadramento nas *normas* de uma modernização do ambiente urbano. Isso, por sua vez, modificou profundamente a Região Norte como um todo. (HOBBSAWM, 1987).

A economia da Era dos Impérios foi aquela em que Baku (no Azerbaijão) e a baía de Donets (na Ucrânia) foram integradas à geografia industrial, ao passo que a Europa exportava tanto bens como moças a cidades novas como Johannesburg e Buenos Aires, e aquela em que teatros de

ópera foram erguidos sobre os ossos de índios mortos em cidades nascidas do Boom da borracha a 1.600 quilômetros rio acima da foz do Amazonas (HOBSBAWM, p. 50).

Juntamente com os recursos investidos em imóveis e grandes construções na cidade, companhias inteiras e famílias se deslocavam, por via fluvial, em navios cargueiros ou luxuosos, trazendo consigo suas experiências e conhecimentos, fazendo com que a vida de cada um se entrelaçasse no ambiente da Manaus embelezada que se construía à custa do esforço dos menos favorecidos. (DIAS, 2007).

Mesmo com os aspectos negativos presentes nesse processo de modelação da malha da cidade, esses eram escondidos, permanecendo, assim, até pouco tempo atrás, quando o luxo e a pompa do período áureo da borracha tomavam a frente das observações superficiais feitas a respeito do período.

A memória trazida para fora do anonimato era a dos grandes barões e donos de companhias bem-sucedidas, que lucravam com os esforços absurdos dos indígenas e nordestinos (os “Soldados da Borracha”), que eram explorados de maneira desumana. A nova capital tornou-se um ícone de beleza e avanço, pois foi uma das poucas no País a ser impregnada pela “alma” da *Belle Époque* (Figura 1). Era, até então, sinônimo de civilizada e lugar de progresso. (MESQUITA, 2006).

A burguesia se instalava nos novíssimos palacetes, moradias de luxo que se espalharam pela cidade e eram encomendadas com todo os seus pormenores. Os espaços e terrenos antes públicos, como praças e passeios, deram lugar a casas geminadas, comércios, armazéns, todos disponibilizando o acesso a importados a quem podia pagar. (DIAS, 2007).

Houve uma espécie de *fetichização* do espaço na cidade, uma barreira bem-definida entre o privado e o público, a valorização de uma industrialização incipiente, a corrida para chegar ao momento de ascensão social (Figura 1). O que era visto dizia muito sobre o indivíduo, e o europeu ganhava destaque no meio da selva amazônica. O comércio dominava, e era um verdadeiro “sonho” construir e acumular o tesouro que traria o respeito esperado por parte da classe alta. (LIMA, 2011).

**Figura 1** – Avenida Eduardo Ribeiro entre 1901 e 1902, no auge do período áureo da borracha



Fonte: Album do Amazonas, Manaus: 1901-1902.

Boa economia e administração dos bens eram a tradução de *status*, o que tornou a antiga “Manáos” numa cidade cosmopolita. Seu conhecimento chegou aos países ricos e aos maiores investidores da época, como a Inglaterra. Em meio aos eventos de transformação dos meios físico e social da cidade, o elemento *memória* se apresentava em duas situações distintas: enquanto a memória dos povos originais da Amazônia era soterrada por cal e pedras importadas, uma nova memória estava sendo construída: uma memória de riquezas e grandes mudanças.

É preciso salientar que essas memórias estavam relacionadas não apenas às obras de construção do governo (como a do grande Teatro Amazonas), mas aos entrelaces que surgiam a partir do contato de vários atores no palco sociocultural que era a cidade de Manaus no final do século XIX e início do século XX.

Os fatos históricos e acontecimentos, como os que em Manaus aconteceram, são, de certa maneira, trabalhados em nossas memórias. Em seus vieses, a lembrança (que é individual) pode passar a ser coletiva, bem como a lembrança que é coletiva passa a ser individual. As noções de realidade podem estar atreladas a noções de memória. E essas, entendidas como fenômeno coletivo e social, são suscetíveis a construções, flutuações, transformações e mudanças constantes. (POLLAK, 1992).

A memória social é constituída de elementos, dos que se originam tanto do meio individual quanto do coletivo. Comum a eles, há o

sentimento de pertença, ou seja, é necessário que, para a constituição de uma memória, exista o “pertencer à coletividade”, a um grupo.

Pois, mesmo que o indivíduo não tenha participado pessoalmente do acontecimento, ou do fato, quando se sente parte do grupo social, ainda que apenas no imaginário, o revive. Esse modo de perceber e interpretar a memória de determinada sociedade se dá através da socialização desses relatos, uma socialização histórica, o que para Pollak (1992), faz surgir o que pode ser chamado de “fenômeno de projeção”. O indivíduo projeta ao passado sua memória adquirida, portanto, uma memória herdada.

Essa, sem dúvida, remete à nossa capacidade finita de guardá-la. Nossa capacidade de relembrar é sempre inexata e falha. Assim, estamos sempre em busca de mecanismos que sustentem nossas lembranças. (JONES, 2007). Dentre esses mecanismos, estão a solidez e a robustez que creditamos à Cultura Material por nós trabalhada. É como se a “história em si” precisasse de unidade e credibilidade atestadas, muitas vezes, por nossos objetos. Eles servem de *suporte* para guardar e sustentar nossas lembranças.

A história que trazemos à tona pode ajudar a conhecer como funcionava a Manaus, no período de 1880 a 1910, centro exportador e importador no período da borracha; como também pode ajudar na compreensão de um imaginário social que perpetua uma euforia, a ilusão da Manaus Gloriosa, da Manaus Magnífica e da Manaus Moderna, até os dias atuais.

O legado da *Belle Époque*, muitas vezes, é exibido como patrimônio numa sensibilidade que exalta sua monumentalização, esquecendo *o* ou relegando *ao* papel de coadjuvante o tecido social e a memória de sua gente.

É possível *resgatá-la* com o auxílio da Cultura Material que circulava no período. De maneira que possamos entrever o imaterial através da materialidade. Esse imaterial, muitas vezes, escapa-nos quando se faz uma análise estrutural e física da materialidade já que esquecemos algo tão latente: o simbólico.

Essa alegoria ao qual Bourdieu (1989) chama a atenção tem o poder de construir uma realidade que contribui à reprodução de um ordenamento social.

As diferentes classes e fracções de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais. (BOURDIEU, 1989, p. 11).

As escavações arqueológicas conduzidas em sítios históricos, em especial os vestígios recuperados de fragmentos de vidros, deixam entrever histórias, muitas vezes, esquecidas. É o caso da escavação realizada na Catedral Metropolitana de Manaus a partir de 2002, por conta das intervenções de restauro iniciadas em 2001.

Durante o trabalho de prospecção em sedimentos, foi revelada uma Cultura Material pré-colonial e de contato (como cerâmicas indígenas, ossos e estruturas), colonial e histórica (entre os materiais estavam metais, louças de porcelana e faianças diversas, tijolos e vidros). (CORRÊA, 2007; MENDONÇA; ANTONY, 2013). Dos fragmentos de louça simples e decorada, tem-se um total de 1.243 peças devidamente analisadas, e os fragmentos de vidro seguem ainda em análise e seriação no laboratório, devido ao grande montante.

De acordo com os levantamentos históricos feitos durante o projeto “Catedral”, constatou-se que a mesma, ao longo dos anos, sofreu várias intervenções, desde reformas no edifício a remodelamentos na área dos jardins, incluindo a de 1885, um ajardinamento no qual se comprovou que o entorno da mesma foi aterrado com material que viria do terreno onde hoje se localiza o Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA) (CORRÊA, 2011). A Catedral, portanto, constituiu-se num verdadeiro centro aglutinador de vestígios de Cultura Material dos mais diversos períodos da cidade de Manaus (Figura 2).

A Cultura Material resgatada no projeto “Catedral” encontra-se sob a guarda do Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza, pertencente à Secretaria do Estado do Amazonas (SEC-AM), localizado no Palacete Provincial em Manaus, prédio histórico que é um centro aglutinador dos principais museus da região.

De todo o montante que se mostra de suma relevância por suas possibilidades de conhecimento arqueológico, histórico e social, destacamos, neste artigo, o grande quantitativo de garrafas antigas entre os materiais retirados da Catedral, principalmente aquelas que ainda se conservam inteiras.

Entre elas, uma marca de bebida em especial: a chamada “Águas de Melgaço”. No contexto em que era comercializada, a cidade de Manaus já havia alcançado seu *status* de “Paris das Selvas”.

**Figura 2** – Um dos cortes escavados durante os trabalhos de salvamento arqueológico na Catedral Metropolitana de Manaus. Vê-se, na imagem, uma das quadrículas nos jardins da igreja – 2002



Fonte: Corrêa (2005, p. 91).

Porém, para que chegasse a tal patamar, a simples vila teria de ser totalmente transformada, o que aconteceu com o impulso da ótima economia que tomou conta da cidade no final do século XIX.

A antiga cidade de Barra do Rio Negro começa a tomar “ares” de cidade a partir dos primeiros anos do século XX, ação que vem ao encontro do interesse das obras públicas do período. É evidente que a cidade passa por uma grande transformação. Antes disso, a Capital da Província do Amazonas era considerada a “Filha Pobre e Feia do Império”. (MESQUITA, 2006).



A pequena cidade era cercada por um vasto e rico território, mantinha-se em condição de pobreza, pois não dispunha de braços para explorar suas riquezas naturais; sua população era rarefeita, sua agricultura quase nula e o comércio insignificante. (MESQUITA, 2006, p. 53).

É nesses entremeios do alvorecer da “Paris dos Trópicos”, esteticamente europeizada e cosmopolita, com suas obras majestosas, os *bonds* da *Manãos Railways & Co.*, os espaços e passeios públicos de circulação e exposição do Status urbanístico, que os imigrantes começam a aparecer de todos os cantos (BITTENCOURT, 2012). Juntamente com eles, o investimento, as trocas culturais, a Cultura Material externa, que passava a fazer parte do contexto manauara, e seus hábitos, como os de consumo.

Os comerciantes pululavam pelos recantos da cidade. Com os investimentos de modernização, muitas lojas e estabelecimentos comerciais foram abertos, em sua maioria, ofereciam produtos de origem importada para parte da população que podia comprar. Eram os mais novos lançamentos da Europa chegando no meio da selva amazônica. (DIAS, 2007).

Os novos bens de consumo que passaram a circular na cidade em fervilhamento, também passaram a fazer parte do cotidiano dos habitantes que os consumiam. Estavam presentes no dia a dia e suas peculiaridades e, assim, constituíam elemento participante da memória, em especial, da memória individual, do comprador. Os objetos de vidro, como a garrafa da “Águas de Melgaço”, também eram suporte às lembranças do vivido. (JONES, 2007). As lembranças carregam sentimentos, trazem à tona sensações ímpares.

Ligamo-nos a essa memória também e através dos sentimentos. Assim, como trabalhar o significado emocional? (FUNARI; PELEGRINI, 2009). Como mensurar o sentimento que fragmentos de vidros nos trazem à memória?

A memória e a história são dois pontos que se ligam e, apesar de ambas as palavras possuírem um sentido comum, as mesmas não se confundem. Halbwachs (1990), sublinha a diferença entre as duas, afirmando que não se pode confundi-las. A história começa justamente onde a memória acaba, e ela é sempre vivida, física ou afetivamente.

A Manaus antiga, dos tempos áureos da borracha, é uma fonte contínua de história e memória. É impossível deixar de lado, principalmente com o enfoque arqueológico-histórico, os atores de sua construção e a Cultura Material que até hoje persiste através do tempo, permitindo um pequeno vislumbre do que no passado era vívido e pungente.

### **Numa garrafa simples, o poder de cura**

Entre os vidros, seja de remédios, de cosméticos, seja de usos diversos, os recipientes inteiros, além nos darem uma noção sobre como sua forma se mostrava e como seria vê-los no passado, também permitem a identificação de marcas e indústrias específicas, o que, em paralelo, abre-nos as portas de acesso a histórias até então esquecidas.

No montante dessa Cultura Material, a marca “Águas de Melgaço” nos fez desenvolver uma pesquisa sobre o material histórico-arqueológico da Igreja Matriz de Manaus, desde 2014, por identificarmos, na mesma, um tipo de material com características particulares e que o distingue dos demais.

*A priori*, uma garrafa inteira (até aquele momento solitária) destacava-se num dos expositores do Laboratório Alfredo Mendonça de Souza. Diferentemente de todas as outras, a garrafa de um verde-escuro, foi recebida pela instituição como doação de um morador antigo do centro histórico da cidade. Foi através dela que se pôde estabelecer uma relação, mesmo que no início comparativa, com outras garrafas ou fragmentos provenientes do sítio “Catedral”. A garrafa tinha uma gravação em alto-relevo que dizia: “Águas de Melgaço”.

Com o desenrolar da pesquisa, já enquadrada em dois projetos, uma verdadeira avalanche de informações surgiu, mostrando-nos o enorme potencial arqueológico-histórico que carregava tal objeto.

Foi no início do período (que se consagrou como a *Belle Époque*)<sup>2</sup> que, em outra região do mundo, noutra continente, espalhou a fama de uma água que tinha o poder de curar os mais variados males. A região é Melgaço, norte de Portugal, cortada pelo rio Minho, uma região com a ocorrência de águas de origem termal (geológica). (LEITE; FERRAZ, 2007).

O ano é 1884, ano da *descoberta* de águas medicinais em Melgaço. Nesse mesmo ano, houve um requerimento pedindo o aproveitamento das “águas alcalino-gasosas”, sendo em 1885 o início dos processos de

engarraçamento pelos locais. “Engarrafavam-se as águas numa barraca de madeira, que a história dirá construída para abrigo e comodidade dos aquistas”. (LOPES apud LEITE; FERRAZ, 2007, p. 1).

A água que tratava doenças passou a ser engarrafada pelos próprios locais, que reconheciam seu suposto valor medicinal. Assim, a água podia ser utilizada ou consumida. No primeiro caso, para a atividade de banhos, e, no segundo, para o consumo propriamente dito, a ingestão. Ficou tão famosa que, pelas suas aclamadas propriedades medicinais, começou a ser engarrafada e vendida a outros países (não europeus) a partir de 1889. Entre eles estavam as colônias portuguesas e o Brasil.

Recebiam tanta confiança que, até os médicos mais renomados da época, através de estudos e análises químicas da água de Melgaço,<sup>3</sup> faziam propaganda, para que os doentes tratassem seus problemas no banho ou no consumo direto do agora produto. Como diz Lopes,

as águas do Peso (Melgaço), são, na verdade, excelentes agentes medicamentosos. Nenhuma conhecemos que exerçam em mais alto grau uma acção nitidamente específica sobre o metabolismo hidrocarbonado e certas formas de hepatismo. (1949, p. 1-2).

Eram indicadas para o tratamento do “diabetes, padecimentos de estômago, intestinos, fígado, rins e bexiga”, como saía no *Jornal Diario Illustrado*, de 1902, em Lisboa (DIARIO, 1902, p. 4). Entretanto, os verdadeiros benefícios da água medicinal engarrafada se confundem com os discursos impetrados pelas propagandas e histórias que surgiam em torno do produto.

Sobre águas termais existe larga literatura, levando em consideração que eram conhecidas desde o período de domínio do Império Romano, que utilizava as termas para a construção de banhos públicos, bastante conhecidos como “lugares de prazer”. (QUINTELA, 2004). Além do seu caráter de lazer e bem-estar, as águas termais despertaram, desde os primeiros povos, um interesse místico e transcendental. Como pode vir água de um vulcão?

Nos discursos científicos da geologia e da geografia, as águas termais são provenientes de falhas tectônicas; no discurso de alguns aquistas e veraneantes, e também de alguns autóctones, estas são provenientes de

um vulcão. Digamos então que estas poderão significar simultaneamente uma porta de entrada e um sinal de perigosidade. (QUINTELA, 2003, p. 182).

Essas águas portam um caráter misterioso, desconhecido e mágico. Pode-se, então, ao lado das propriedades terapêuticas, reconhecer e trabalhar as propriedades simbólicas (Figura 3). Com isso, a formação do imaginário de uma sociedade existe num complexo processo de inferências e construções. As histórias que surgem sobre o poder curativo de uma água engarrafada, apenas corroboram esse poder. “O imaginário, contudo, não surge do nada. Não se trata de uma aquisição espontânea. Em outras palavras, pode ser induzido”. (SILVA, 2006, p. 100).

Tem-se o significado do sagrado temeroso por se desconhecer a origem da água (sabe-se apenas que vem do fundo da terra) e do elemento medicinal que passa a ser vendido e *espalhado* pelo mundo em modernização. O meio material do objeto é, então, um suporte (JONES, 2007), um meio de transporte do significado para o mundo em que se posta. (McCRACKEN, 2003).

Através de nosso objeto inicial, a “garrafa solitária”, pôde-se iniciar o trilhar da pesquisa levantando outros exemplares que, possivelmente, pertenciam à mesma marca. Até mesmo em materiais arqueológicos de outros sítios da cidade de Manaus e de seu entorno, foi possível identificar, ainda que raros, fragmentos ou exemplares inteiros de “Águas de Melgaço”.

Notou-se que, ao longo dos anos de engarrafamento do produto, devido à troca de empresas e suporte maquinário, sua tipologia mudou. Por isso, o exemplar com as letras em alto-relevo, até agora, continua sendo o único com tal feição; os outros de mesma marca são lisos, mas se encaixam no padrão do início do século XX (Figura 2). Esse estudo ainda está em andamento, levando em consideração que seu desenvolvimento proporcionou a expansão de diversos vieses de pesquisa.

**Figura 3** – Rótulo de uma garrafa da marca “Águas de Melgaço” com ilustração do edifício da fonte principal, nos meados do século XX



Fonte: Entreminhoeserra.blogspot. com.br. Acesso em: 11 dez. 2016.

## De gargalos à tessitura social

Inserindo-se neste contexto, no qual aparecem dois aspectos intrinsecamente relacionados ao produto engarrafado: o medicinal e o comercial,<sup>4</sup> abrem-se diversas possibilidades de interpretação da Cultura Material. Nessa interpretação, aparecem os sinais da memória relacionados às garrafas e ao seu papel social, não através de uma análise que se restrinja aos aspectos classificatórios do objeto (em outras palavras, sobre o objeto em si), mas numa ótica pós-processualista (nas ciências humanas e sociais), abarcando as novas formas de estudo da Cultura Material e o ambiente sociocultural que a envolve. (FUNARI, 2005).

Procurando-se o universo de significados e o que se encontra por trás dele, tornam-se possíveis inúmeras vias de análise e modos de olhar a materialidade. Ao nos depararmos com esses *gargalos*, fragmentos vítreos que parecem infundáveis aos olhos do pesquisador, o que na percepção de um olhar não acurado, ou leigo, passaria despercebido, para a arqueologia histórica, o que aparece são também inúmeras possibilidades de se contar uma história, *dos e através dos* artefatos.

É necessário que nos desprendamos de uma realidade em que a história contada, com base na Cultura Material passe a deixar de ser marginal e entre, definitivamente, nos horizontes históricos se desprendendo de transcrição físico-funcionalista como chama a atenção Meneses (1983). O pela via da Cultura Material não é complementar e tem um papel importantíssimo no que tangencia as pesquisas interdisciplinares.

A pesquisa através da Cultura Material pode interferir, sobremaneira, na gerência e no levantamento dos dados econômicos, sociais, simbólicos e, principalmente históricos. Dessa forma, o papel do artefato não só pode auxiliar no que tange ao suporte de informações documentais, como também o objeto material se constitui em documento.

Naturalmente, os traços materialmente inscritos nos artefatos orientam leituras que permitem inferências diretas e imediatas sobre um sem-número de esferas de fenômenos. Assim, a matéria-prima, seu processamento e técnicas de fabricação, bem como a morfologia do artefato, os sinais de uso, os indícios de diversas durações, e assim por diante, selam, no objeto, informações materialmente observáveis sobre a natureza e propriedades dos materiais, a especificidade do saber-fazer envolvido e da divisão técnica do trabalho e suas condições operacionais essenciais, os aspectos funcionais e semânticos – base empírica que justifica a inferência de dados essenciais sobre a organização econômica, social e simbólica da existência social e histórica do objeto. Mas, como se trata de inferência, há necessidade, não apenas de uma lógica teórica, mas ainda do suporte de informação externa ao artefato. Maior necessidade, ainda, haverá se reconhecermos que o artefato não é “an inert, passive object, but an interactive agent in sociocultural life and cognition [...] the signification of the artifact resides in both the object as a self-enclosed material fact and in its performative, ‘gestural’ patterns of behavior in relation to space, time and society”. Daí a importância da narrativa e dos discursos sobre o objeto para se inferir o discurso do objeto. (MENESES, 1998, p. 3).

As “Águas de Melgaço” voltam à vida, saindo de um passado exportador e de intrincadas relações comerciais, passando por sua relação com os indivíduos que as compraram para levar “saúde” até suas casas (Figura 4). Vê-se, portanto, a importância de se investigar o papel que desempenhou na formação da sociedade como reduto de memória social e histórica.

Essa saúde engarrafada, na verdade, vinha de Portugal; uma saúde que perpassou pela imaginação da população por meio da propaganda, muitas vezes fantasiosa, mas que induziu à imagem de um bem consumível e desejado. O seu principal papel foi o de carregar os significados. Conforme diz McCracken (2003), o significado é transportado pelo objeto, que, nesse caso, exerce a função de suporte para tal, transmitindo significado simbólico às outras partes da feição intangível da sociedade.



**Figura 4** – Garrafa com o nome da marca “Águas de Melgaço” em alto-relevo, recebida como doação de um morador tradicional do centro histórico, que afirmou que ela está em sua família há gerações

Fonte: Acervo do autor.

Por trás dos fragmentos, escondem-se histórias incrivelmente interessantes e, ao mesmo tempo, nossas, pois fizeram parte da formação histórico-social-brasileira. Nesse caso específico, quando trazemos à luz os mecanismos de relação entre o objeto e a sociedade que o possui, a água medicinal de Melgaço se encaixa no *status* de “artefato híbrido”.

E é assim porque sua carga de significados é múltipla, não se restringe ao que representa fisicamente: um simples recipiente para líquidos. Na marca em questão e na sua materialidade, pode-se notar seu valor medicinal, mas também seu valor de *status* e seu prestígio, extremamente requisitados na Manaus da *Belle Époque*. Nessa, o europeu era supervalorizada. (MESQUITA, 2006). Com uma garrafa importada e cara, não seria diferente.

Através de sua circularidade que, de certa forma, era limitada pelo seu alto valor e dificuldade de acesso, a aquisição de uma garrafa de “Águas de Melgaço” traria ao seu dono um *estado de aparência* que se traduz na forma de *status*. O possuidor de tal bem assumiria o papel, ainda que inconsciente, de divisor e delimitador entre o público e o privado, de enfatizador de quem possuía mais em relação a quem, infelizmente, não podia ter o que outro tinha. Essa é uma característica que adveio com a formação das sociedades modernas e o *boom* capitalista. (ARENDETT, 2007).

Esse tipo de distinção aparente e de forte impacto na sociedade manauara do final do século XIX e início do século XX se fez presente com a elevação das exportações do látex da Amazônia, quando apenas uma pequena parcela da população local recebeu os benefícios trazidos como alto poder aquisitivo, sendo que muitos dos ricos que aqui construíram seu “império” eram, na verdade, imigrantes. O amazônida, em específico o morador da cidade de “Manáos”, pouco se beneficiou dos melhoramentos e do novo estilo de vida que se estabeleceu na “Paris dos Trópicos”. (DIAS, 2007).

### **Desta água ainda beberei!**

As garrafas de água medicinal fizeram parte desse processo de segregação e construção de moldes socioculturais na Manaus do passado. Seu estudo se mostra um meio importante de resgatar e fazer ressurgir a memória de um período que, pensa-se, já é muito conhecido. Todavia, ao adentrarmos nos meandros da história resgatada pela arqueologia nessa cidade, desvelam-se aspectos pouco explorados anteriormente. Esses gargalos aparentam ser muito quebrados e irregulares, mas possuem inestimável relevância à história e à memória de nosso povo.

Parte dessa história chega até nós através das “Águas de Melgaço” que inseridas em um contexto regional, permite-nos inferir sobre amplos aspectos da sociedade do período da *Belle Époque*, enriquecendo com novos dados uma pesquisa ampla sobre os modos de consumo dos *fármacos* desse período. Esta pesquisa não se esgota na garrafa, mas o que está contido nela pode contemplar para pesquisas e aprofundamento futuro, um maior número de atributos e análises capazes de desvelar alguns questionamentos ainda não compreendidos sobre o período assinalado.



## Notas

---

<sup>1</sup> Este artigo está inserido no projeto de pesquisa intitulado “Arqueologia, Patrimônio e Cultura: a cura para as feridas recentes e antigas na *Belle Époque* Amazônica”, com financiamento do CNPq. As pesquisas são realizadas pelo Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica (NIPAAM), grupo de pesquisa pelo CNPq/UEA.

<sup>2</sup> Considerado por Daou (2000) como abrangendo os anos de 1888 a 1910.

<sup>3</sup> Onde futuramente se construiu a Estância do Peso. (LEITE; FERRAZ, 2007).

<sup>4</sup> Este último permitiu que chegassem, aos mais diferentes cantos do ambiente urbano manauara, que recebiam o produto da Europa.

## Referências

---

ARENDE, H. *Entre o passado e o futuro*. Trad. de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BITTENCOURT, Agnello. *Manaus*. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, SEC, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. (Coleção Memória e Sociedade).

CORRÊA, M. V. de Miranda. *A cápsula do tempo: arqueologia da arquitetura da Catedral Metropolitana de Manaus*. São Paulo: Biblioteca24horas, 2011.

CORRÊA, M. V. de Miranda. *Da capela carmelita à Catedral Metropolitana de Manaus (AM): uma arqueologia da arquitetura*. 2005. 171p. Tese (Doutorado em Arqueologia) – USP, São Paulo, 2005.

CORRÊA, M. V. de Miranda. *Da capela carmelita à Catedral Metropolitana de Manaus (AM): uma arqueologia da*

arquitetura. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 17, n. 5-6, p. 591-607, maio/jun. 2007.

DAOU, A. M. *A Belle Époque amazônica*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

DIÁRIO Ilustrado, 1902, p.4. Disponível em: <[www.bnportugal.pt](http://www.bnportugal.pt)>. Acesso em 01 de Outubro de 2016. (Biblioteca Nacional de Portugal).

DIAS, Edineia Mascarenhas. *A ilusão do fausto: Manaus – 1890-1920*. 2. ed. Manaus: Valer, 2007.

FUNARI, P. P.; PELEGRINI, S. C. A. *Patrimônio Histórico e Cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

FUNARI, Pedro Paulo A. Teoria e métodos na arqueologia contemporânea: o contexto da arqueologia histórica. *MNEME – Revista de Humanidades; Dossiê Arqueologias Brasileiras*, v. 6, n.13, dez. 2004/jan. 2005.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Trad. de Laurent L. Schaffter. São Paulo: Vértice; RT 1990.

- HOBSBAWM, Eric J. *A era dos impérios: 1875-1914*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- JONES, Andrew. *Memory and Material Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- LEITE, Antero; FERRAZ, Susana. *O edifício da fonte principal das Termas do Peso (Melgaço)*. ACER – Associação Cultural e de Estudos Regionais, entidade parceira do Projecto Vale do Minho Digital, promovido pela Comunidade Intermunicipal do Vale do Minho, 2007. 18p. Disponível em: <www. http://acer-pt.org/>. Acesso em: 18 set. 2015.
- LIMA, T. A. Cultura Material: a dimensão concreta das relações sociais. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum*, Belém, v. 6, n.1, p. 11-23, jan./abr. 2011.
- MCCRACKEN, Grant. *Cultura & Consumo: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo*. Trad. de Everardo Rocha. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. (Coleção Cultura e Consumo).
- MENDONÇA, Arminda; ANTONY, Hildebrando. A Sé Catedral de Manaus. *Revista Memória Arqueologia*, Manaus: SEC-AM, 2013.
- MENESES, Ulpiano. A cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História*, São Paulo: USP, n. 115, p. 103-117, jul./dez. 1983.
- MENESES, Ulpiano. Memória e Cultura Material: documentos pessoais no Espaço Público. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: CPDOC; FGV, v. 21, p. 3, 1998.
- MESQUITA, Otoni. *Manaus: história e arquitetura: 1852-1910*. Manaus: Valer, 2006.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- QUINTELA, M. M. Banhos que curam: práticas termais em Portugal e no Brasil. Instituto de Ciências Sociais – Universidade de Lisboa. *Etnográfica*, v. VII, n. 1, p. 182, 2003,
- QUINTELA, M. M. Saberes e práticas termais: uma perspectiva comparada em Portugal (Termas de S. Pedro do Sul) e no Brasil (Caldas da Imperatriz). *História, Ciências, Saúde*, Manguinhos, v. 11 (Suplemento 1), p. 239-260, 2004.
- SILVA, J. Machado da. *As tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2006.